

PERSPECTIVAS EM TORNO DE UMA CENTRALIZAÇÃO FRANCA DA IGREJA OCIDENTAL

Guilherme Tavares Lopes Balau (UEL-PPGHS)¹

Resumo: As perspectivas contemporâneas acerca da relação entre as sedes patriarcais das Igrejas Ocidental e Oriental configuram a cada pesquisa novas óticas de inteligibilidade sobre os sentidos produzidos à época. Este trabalho visa apresentar um movimento deduzível de centralização ocorrido na Igreja Ocidental ao redor do epicentro do Império Carolíngio, entre os séculos VIII e IX. É o objetivo desta apresentação demonstrar como o Império passou a ser um mediador das relações eclesíásticas no período em uma época de acirradas discussões teológicas, como a questão da cláusula *filioque*. A partir de perspectivas teóricas embasadas na teoria da funcionalidade do poder durante o período e de análise de fontes de Smaragdus de São-Mihiel, *missi* e intelectual da corte imperial e outros, espera-se demonstrar o impacto na Igreja do Ocidente da presença imperial e como essa configuração secular mudou os rumos da relação entre as sedes patriarcais, preterida pelo favor da coroa imperial.

Palavras-Chaves: Império Carolíngio. Renascimento Carolíngio. Igreja Franca.

Por volta de 883, um monge beneditino de São Galo, Notker, o Gago, iniciou a escrita de sua obra, *Gesta Karoli Magni*. Sua obra, diferente da consolidada *Vita Karoli*, de Einhard (escrita cerca de meio século antes), apresentou uma biografia do imperador Carlos Magno [742-814] por um viés diferente. Enquanto Einhard, o qual viveu ao lado do imperador, descreveu sua vida de maneira apologética, lembrando-se de sua liderança, altiva realeza e feitos do cotidiano, buscando impulsionar as ações de seu sucessor e filho², Notker escreveu sobre uma época áurea dos governantes a quem contava com proteção e cuidado.

O monge beneditino da Abadia de São Galo buscou apresentar a seus leitores uma perspectiva saudosista, imersa em uma nostalgia por um tempo em que jamais viveu. Em sua narrativa, Carlos Magno desponta *quasi* como um ser divino – seus julgamentos morais ressoam em profecias e grandes acontecimentos entendidos como divinamente ordenados³. Desde a abertura de

¹ Licenciado em História-UEL, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social-UEL. Bolsista CAPES/DS. E-mail de contato: guilhermee3336@gmail.com.

² Luís, o Pio [778-840].

³ Como presente em (I, 3; 16-19), na edição latina da obra.

sua obra, a compreensão teológica do conceito de *translatio imperii* já deixa clara a leitura do passado de Notker – os Carolíngios não são, ou eram, meros governantes seculares, mas sim instrumentos da vontade divina à melhor compreensão agostiniana do termo⁴:

O onipotente formador de todas as coisas e administrador dos reinos e tempos, quando destruiu os pés de ferro e barro daquela admirável estátua entre os Romanos, erigiu uma cabeça de ouro de outra não menos admirável estátua por meio de Carlos entre os Francos (NOTKER BALBULUS, I, I, 1959, p. 1, tradução própria⁵)⁶.

Para Notker, compreender a leitura da história dos Carolíngios, especialmente sob a liderança de Carlos Magno, é uma estratégia retórica. O autor ao ressaltar as grandes ações do governante, estipulá-lo como um modelo a ser seguido e, especialmente, lembrar dos benefícios que os grandes carolíngios imperadores asseguraram à sua abadia⁷, buscou auxílio na governança do último carolíngio imperador, Carlos, o Gordo [839-888].

O passado a que Notker se refere, contudo, é um passado distante. Quase 70 anos após o falecimento do primeiro Imperador Carolíngio, o vislumbre de um império sem precedentes e na via principal para conduzir a história do continente europeu já não parecia tão real. Carlos, o Gordo foi o último imperador da dinastia, e foi deposto em 888, antes do término da obra de Notker.

Esse tempo nostálgico e exitoso em todos os parâmetros a que Notker se refere, contudo, provém de um clima de otimismo existente durante a *renovatio* carolíngia, momento em que uma padronização da administração do domínio imperial, seja de aspectos eclesiais, legais ou educacionais, foi efetuada. Para se compreender a dimensão das ações dos Carolíngios durante esse período, é necessária uma visão institucional da Igreja Franca no período, englobada por

⁴ Cf. (MOESCH, 2020).

⁵ *Nota bene*: a menos que indicado em bibliografia ou em comentários ao longo do texto, todas as traduções em que o original é indicado na nota de rodapé foram feitas pelo próprio autor.

⁶ No original: “Omnipotens rerum dispositor ordinatore regnorum et temporum, cum illius admirande statue pedes ferreos vel testaceos comminisset in Romanis, alterius non minus admirabilis statue caput aureum per illustrem Karolum erexit in Francis”.

⁷ Além de Carlos Magno, há uma ênfase nas ações e na figura exemplar de tratamento para com sua abadia de Luís, o Germânico [804-876].

uma cisão contínua entre as sedes patriarcais do Ocidente e do Oriente, e uma influência secular provinda do epicentro do Poder Carolíngio – Aquisgrana.

Um ponto de vista profícuo para analisar esse passado mítico retratado por Notker provém de Smaragdus, monge beneditino da abadia de Saint-Mihiel, às margens do rio Mosa. Prolífico autor e partícipe das discussões teológicas que circundavam tanto a corte carolíngia como a Igreja Franca de maneira geral, foi um dos *missi* direcionado a Roma para comunicar a posição do imperador Carlos Magno ao papado.

De origem possivelmente Visigótica⁸, Smaragdus [c. 750-840/1] escreveu em consonância com os conflitos de seu próprio tempo. Dentre suas obras principais, destacam-se a *Expositio in regulam Sancti Benedicti*, a qual comenta os ensinamentos de Benedito de Núrsia, *Via regia*, principal *speculum principis*⁹ do período, uma exortação moral ao comportamento adequado de governantes seculares, e *Diadema monachorum*, uma versão semelhante ao seu *speculum*, mas destinada aos monges.

Grosso modo, o principal conflito em que Smaragdus se envolveu foi o da controvérsia do termo *filioque*. A adição do termo ao credo latino foi motivo de uma disputa por parte de monges do oriente, os quais acusaram os latinos presentes no patriarcado de Jerusalém de heresia. Ao comunicarem ao papa as acusações ao papa Leão III, este resolveu comunicar diretamente o imperador carolíngio, o que ressalta uma liderança por parte deste em questões de importância “internacional” como essa (KRAMER, 2019).

A comunicação do papado ao imperador, as justificativas por parte do clero latino em Jerusalém, e os escritos de outros clérigos envolvidos na questão, como Arno de Salzburgo e Teodulfo, demonstram uma elevação da figura de Carlos Magno como referência autoritativa para lidar com situações múltiplas da realidade institucional à época – o que vincula toda a situação engendrada sob

⁸ Estudos anteriores previam uma origem irlandesa a Smaragdus. Para uma análise compreensiva da vida do autor, cf. (RÄDLE, 1974; KRAMER, 2019).

⁹ Os *specula principum* são textos de referência moral para o ensino de governantes seculares. Podem vir em uma variedade de gêneros, onde os mais comuns são tratados sobre moral e política, mas também em historiografias, como é o caso das biografias de Carlos Magno escritas tanto por Einhard como por Notker. Para mais informações sobre a variedade e uma análise historiográfica dessas obras e sua popularização, cf. (FAŁKOWSKI, 2008).

o conceito sociológico de *poder autoritativo*, promovida pelo sociólogo Heinrich Popitz (2017) e utilizada pelo historiador Gerd Althoff (2014) para compreender o papel do ritual enquanto parte constituinte da comunicação medieval.

Sob este escopo, é necessário vincular duas instituições de suma importância do período para compreender melhor, então, a obra de Smaragdus – a Igreja e o Império Secular.

Heinrich Popitz [1925-2002] propôs quatro formas distintas de se analisar o poder em uma sociedade – o poder de ação, instrumental, de autoritatividade e de constituição de dados. Diferente dos poderes de ação e do poder instrumental, o poder autoritativo (dito “interno”, em comparação aos “externos” que se expõem por meio de promessas e ameaças) se ancora na dependência estrutural dos subjugados: “[o poder interno] não precisa operar por meio de vantagens extrínsecas e desvantagens: ele produz uma disposição complacente e voluntária para obedecer” (POPITZ, 2017, p. 14)¹⁰.

A figura autoritativa do imperador, neste caso, foi o meio de argumentação por parte dos monges latinos – estes, ao terem ouvido o credo com a adição da cláusula *filioque* na própria capela de Aquisgrana, ressaltaram sua legitimidade. Para os monges carolíngios, portanto, a autoritatividade de sua retidão repousou na confiança que possuíam da figura do imperador (KRAMER, 2019).

Smaragdus, por sua vez, participa das discussões proximamente, e chega a redigir uma obra sobre a proveniência do espírito santo, *De processu spiritus sancti*. Sua missão em vida, contudo, estendeu além de seu “mero” envolvimento na controvérsia – ele deixou claramente determinada a sua vontade de agir nas transformações da Igreja de sua época.

A obra a ser analisada para os objetivos deste trabalho se reserva à *Via regia*. Escrita entre os anos de 811 e 814 (PONESSE, 2012), Smaragdus se dedicou a guiar o então rei da Aquitânia e sucessor do império carolíngio a partir da morte de seu pai, Luís, o Pio (RÄDLE, 1974, BOVENDEERT, 2006, PONESSE, 2012, KRAMER, 2019). Em seus capítulos, rememora o governante a seus deveres e responsabilidade perante Deus e o povo sob seu comando. A

¹⁰ No original: “[The latter] does not need to operate by means of extrinsic advantages and disadvantages: it produces a willing, compliant disposition to obey”.

principal imagem utilizada para cumprir este fim em sua obra é a figura metafórica do caminho real [*via regia*, em latim], a qual alude à passagem no livro vetotestamentário de Números, XXI, 17¹¹.

Essa imagem metafórica do caminho real de Smaragdus serve como ferramenta para introduzir a importância da virtude no cotidiano e no tratamento de decisões por parte do governante. Para o autor, não desviar deste caminho garantirá a sobrevivência dos descendentes do soberano e de seu domínio secular. Para garantir a própria salvação e a daqueles a quem é responsável, sua conduta moral servirá de parâmetro ao êxito possível.

A obra de Smaragdus insere-se em um contexto literário submerso na teoria política do período. As exortações presentes nos 32 *capita* se utilizam dos exemplos contidos especialmente nas escrituras do Antigo Testamento, de onde a própria metáfora do caminho real provém. Para Smaragdus, as virtudes são o instrumento pelo qual a salvação espiritual e o êxito de um bom-governo podem ser atingidos:

Logo é bom a você, ó rei, que ames o teu Senhor Deus, e, devido a Seu imenso amor, cuides diligentemente e com zelo de Suas lições. Pois Seus mandamentos são santos e justos, e extremamente salvíficos àqueles que os observam. Portanto virão a ti o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e junto a ti e em ti mesmo farão sua alegre morada, e serás beato na eternidade com tal visita de hóspedes. Portanto os teus dias serão preenchidos em bençãos, e teus anos em glória. Portanto, a tua paz felizmente será multiplicada, e a felicidade, assim como o rio, transbordará na eternidade (SMARAGDUS ABBAS, 1851, p. 939)¹².

É oportuno ressaltar a que lições Smaragdus se refere, quando exorta ao soberano que se atente a essas diligentemente e com zelo. As lições a que o autor se refere dizem respeito tanto à obra divinamente inspirada, presente na Escritura Sagrada, quanto o próprio ensinamento que sua obra busca transmitir.

¹¹ “[...] iremos pela estrada real; não nos desviaremos para a direita nem para a esquerda, até que passemos pelos teus termos”. (Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida, São Caetano do Sul: Scripturae Publicações, 2015, p. 200)

¹² No original: “Bonum ergo tibi est, o rex, ut diligas Dominum Deum tuum, et ob dilectionem ejus nimiam sollicite et diligenter custodias ejus praecepta. Sancta sunt enim mandata ejus et justa, et observantibus valde salutaria. Propterea Pater et Filius et Spiritus sanctus ad te venient, et apud te in proprio laetam mansionem facient, et beatus eris in perpetuo tali hospite visitatus. Propterea complebuntur in benedictionibus dies tui, et in gloria anni tui. Propterea pax tua feliciter multiplicabitur, et gaudium sicut flumen in aeternum complebitur”.

E não ao acaso, apresenta as virtudes necessárias ao bom-governante de acordo com suas prioridades para o mesmo: inicia com a virtude da *fortitudo*, a qual garantirá as recompensas de procedência divina na realidade terrena, seguida pela *sapientia*, que assegura a consciência do próprio rei à responsabilidade perante seu domínio. O rei que não governa veementemente e não toma responsabilidade perante suas escolhas não segue, segundo a própria advertência de Smaragdus, ao início, as próprias premissas de Deus (e, por consequência, do próprio autor), especialmente para o momento presente, secular. De nada adianta, portanto, qualquer virtude que não seja mediada pelo aconselhamento eclesial e que não garanta a segurança desse domínio ao qual pertence a Igreja.

A *prudentia* o servirá como uma visão premonitória [*quasi porrovidentia*] do futuro, sendo uma das mais valiosas aos reis, como expõe no capítulo V. O rei Davi e o rei Salomão são utilizados como referências de reis prudentes. Neste capítulo, Smaragdus dá mais materialidade à virtude, ao explicá-la. As menções a virtudes que o autor fez até então dizem respeito, acima de tudo, ao aconselhamento. Tanto a *prudentia* como a *sapientia* são produtos de ponderação, mediação, intermediação e auto-controle. A concepção de Smaragdus sobre a relação entre as instituições da Igreja Franca e o Império Carolíngio está contida, já, ao quinto capítulo.

O papel da Igreja Franca, sob o governo carolíngio, é de aconselhamento. O não-desviar da conduta moral protagonizada pela imagem da *via regia* incide necessariamente em uma associação àqueles que detêm o poder de constituição de dados – responsáveis pela materialização do poder, nos *scriptoria*, e pelo compartilhamento de informação por um viés próprio e autoritativamente estabelecido – a *ecclesia*.

O estabelecimento de um Império regido por um rei sábio, aos moldes da Igreja Franca do século IX, estabeleceu uma dominância simbiótica entre as duas instituições. Por um lado, a Igreja necessitou de uma contraparte secular que assegurasse seu papel missionário e evangelizador, aos moldes do propósito da Igreja proferida pelos pais da antiguidade tardia. Por outro, os Carolíngios se aproveitaram da autoritatividade da Igreja para garantir, um século antes, sua permanência enquanto dinastia coroada como *rex francorum*,

e então o estabelecimento de uma narrativa que os apontasse como grandes mantenedores de ordem, presente nos vários *annales* produzidos nos séculos VIII e IX.

A obra de Smaragdus reflete claramente esse período específico do século IX, quando a Igreja em conflito com a sede patriarcal de Jerusalém buscou na figura dos Francos, por fim, um meio de se assentar em um futuro mais certo para sua própria sobrevivência. O estabelecimento de prerrogativas baseadas na Escritura Sagrada e de acordo com o pensamento político da Igreja assegurou uma relação que perduraria por meio da associação que se liga pela autoritatividade.

Mais à frente em sua obra, Smaragdus define o não-desvio do caminho real como um papel exclusivo do rei:

Faça tudo que possa em nome da pessoa a qual governas, em nome do ofício real que trazes, em nome do nome Cristão que tens, pela vitória de Cristo com a qual estás comprometido. Não permita que se lucre com Cristo, pois és valioso por Cristo, e traga em ti: o Zelo da casa me consome (SMARAGDUS ABBAS, 1851, p. 958)¹³.

O peso da responsabilidade que recai sob o governante não é por acaso: ao associar o imperador a uma figura de liderança sobre os cristãos, o imperador também se torna responsável pela salvação da própria Igreja. Essa visão é compartilhada por Teodulfo, bispo de Orleães, e Arno de Salzburgo, os quais exaltaram Carlos Magno como uma muralha e arma da fé e religião católica, e que deveria ser celebrado por sua liderança sobre a população cristã, respectivamente (KRAMER, 2019).

Fica claro como a figura autoritativa de Carlos Magno, da maneira que é representada através de suas ações tanto no lidar com a questão *filioque* como ao implementar a estrutura responsável pela *renovatio* Carolíngia, conquistou à sua dinastia uma associação indelével com a liderança da Igreja no Ocidente. De figura de rei guerreiro, sábio e piedoso, emergiu a liderança carolíngia como base para os governantes subsequentes sob esta família. Não à toa os autores

¹³ No original: “Fac quidquid potes pro persona quam gestas, pro ministerio regali quod portas, pro nomine Christiani quod habes, pro vice Christi qua fungeris. Noli quiescere lucrari Christum, quia lucratus es a Christo, et perfcis in te: Zelus domus comedit me”.

do período que escrevem sobre seus feitos ressaltam aquilo que os convém – a necessidade de se atentar ao povo, à responsabilidade a que deve o Imperador para com Deus, e seu dever de respeitar a morada do Senhor na esfera terrena – a Igreja.

Com isso, Smaragdus, entre tantos autores de seu período, figura como um exímio exemplo de estruturação de uma nova configuração política do período, por meio de sua representação do poder autoritativo presente na teoria política de seu tempo. Ao ancorar-se nas figuras dos reis do Velho Testamento, o autor demonstra como se pensava o poder político a partir de sua instituição, de uma maneira em que a Igreja jamais deixa de ser partícipe integral das decisões políticas e de suma importância para os contemporâneos, ao mesmo tempo em que se ancora em uma potência política secular naquilo que foi possivelmente seu auge, e permite um vislumbre sobre a história do pensamento político em meados do século IX.

REFERÊNCIAS

- ALTHOFF, Gerd. Ungeschriebene Gesetze. Wie funktioniert Herrschaft ohne schriftlich fixierte Normen? *In: _____*. **Spielregeln der Politik im Mittelalter: Kommunikation in Frieden und Fehde**. Darmstadt: WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), 2014, p. 282-304.
- BOVENDEERT, Jasmijn. Royal or Monastic Identity? Smaragdus' Via Regia and Diadema Monachorum Reconsidered. *In: CORRADINI, R.; MEENS, R.;*
- FAŁKOWSKI, Wojciech. The Carolingian *Speculum Princeps* – the birth of a genre. **Acta Poloniae Historica**, v. 98, 2008, p. 5-27.
- KRAMER, Rutger. **Rethinking Authority in the Carolingian Empire: Ideals and Expectations during the reign of Louis the Pious (813-828)**. Amsterdam: Amsterdam University Press B.V., 2019.
- MOESCH, Sophia. Augustine and the Art of Ruling in the Carolingian Imperial Period: Political discourse in Alcuin of York and Hincmar of Rheims. New York: Routledge, 2020.
- NOTKER BALBULUS. Gesta Karoli Magni Imperatoris. *In: HAEFELE, Hans (org.)*. **Scriptores Rerum Germanicarum Nova Series**. Tomus XII. Berolinum: Weidmannos, 1959.
- NOTKER THE STAMMERER. **Charlemagne**. Tradução de Lewis Thorpe. Suffolk: Penguin Books, 1969.
- PONESSE, Matthew. Standing distant from the fathers: Smaragdus of Saint-Mihiel and the reception of early medieval learning. **Traditio**, v.67, 2012, p. 71-99.
- POPITZ, Heinrich. **Phenomena of Power: Authority, Domination, and Violence**. Tradução de Gianfranco Poggi. New York: Columbia University Press, 2017.

RÄDLE, Fidel. **Studien zu Smaragd von Saint-Mihiel**. München: Wilhelm Fink Verlag, 1974.

SMARAGDUS ABBAS. Opera Omnia. *In*: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). **Patrologia Latina 102**. Paris: Bibliotheca Cleri Universa, 1851.